

Officina de composição e impressão de MANUEL BAPTISTA TORRES R. DE S. MARTINHO Aveiro

# POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

PROPRIETARIO E DIRECTOR Manuel Baptista Torres Redacção e administração R. de S. Martinho, AVEIRO

Numero 420

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre, 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes têm desconto de 30 por cento.

8.º ANNO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

## NÃO HA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

Em tudo e por tudo se reconhece a falta absoluta d'educação publica, o estado de selvageria d'esta terra, o enorme atrazo d'este povo.

A anarchia mental, como n'este semanario mil vezes o temos registado, é pavorosa. Homens illustres affirmam a cada passo as mais extraordinarias heresias. Desmentem a todo o instante as doutrinas que dizem professar. Zombam a toda a hora dos principios que juraram defender.

E' grande o partido republicano portuguez. E' nullo o espirito democratico em Portugal. Inteiramente nullo. Ora sem espirito democratico é impossivel a transformação politica e social que se pretende.

Pouco importava a questão politica, a forma do governo, se o chefe do estado fosse um homem á altura da sua missão e do seu destino, dizia Guerra Junqueiro a Luiz Morote em 1904. O mesmo que já tinha dito nas *anotações da Patria*, em 1896: «Fóra o rei um homem, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão politica, da forma de governo. Essencial, a forma do governante.»

No balanço patriotico encontra-se Guerra Junqueiro:

«Um partido republicano, quasi circumscripito a Lisboa, (não esquecer que isto era escripto cinco annos depois do 31 de janeiro) avolumando ou diminuindo segundo os erros da monarchia, hoje aparentemente forte e numeroso, amanhã exaurido e lethargico,—agua de poça, agua inerte, transbordando se ha chuva, tumultuando se ha vento, furiosa um instante, imovel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio o sol ardente; um partido composto sobretudo de pequenos burguezes da capital, adstrictos ao sedentarismo chronico do metro e da balança, gente de baleão não de baricada, com um estado maior pacifico e desconnexo de velhos doutrinarios, moços positivistas, românticos, jacobinos e declamadores, homens de boa fé, alguns de valia, mas nenhum a valer; um partido, enfim, de indole estreita, acanhadamente politico eleitoral, mais negativo que affirmativo, mais de demolição que de reconstrução, faltando lhe um chefe d'antoridade abrupta, uma d'essas cabeças firmes e superiores, olhos para almiar e bocca para mandar,—um d'esses homens predestinados, que são em crises historicas o ponto de intercepção de milhões d'almas e vontades, accumuladores electricos da vitalidade d'uma raça, cerebros omnimodos, comprehendendo tudo, adivinhando tudo,—livro de cifras, livro d'arte, livro de historia, simultaneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, forças fluidas, forças invariáveis, que levam um povo d'abalada, como quem leva ao colo uma creança.»

Mais adeante dizia:

«A crise (a que precedeu o 31 de janeiro) não era simplesmente

economica, politica ou financeira. Muito mais: nacional. Não havia apenas em jogo, o trono do rei ou a fortuna da nação. Perigava a existencia a autonomia da patria. Hora grande, momento unico. A revolução impunha-se. Republicana? Conforme. Se o monarca nos sabilisse um alto e nobre character, um grande espirito, juvenil e viva encarnação de ideal heroico, tanto melhor. A revolução estava feita. Imprimia-se, d'um dia ao outro, no *Diario do Governo*.

Mas feita com quem, perguntação, se tudo era lodo? Feita com o elemento moço do exercito e da marinha, com quasi todo o partido republicano, com individualidades integras e notaveis dos partidos monarchicos, com a juventude das escolas, com um sem numero de indifferentes por nojo e por limpeza, com os duzentos homens de sério valor intellectual dispersos nas letras, nas sciencias, no commercio e na industria, e com o povo, o povo inteiro, que acordaria, Lazaro estremunhado, da sua campa de tres seculos, á voz d'um vi dente, ao grito d'um Nunalvares.»

E ao escrever: com quasi todo o partido republicano explicava no fundo da pagina a affirmação com esta nota: «Continuaria a haver algumas duzias de republicanos, por coherencia, brio pessoal ou teima doutrinaria. O espirito republicano que alastrou no paiz, esse extinguiu-se, ou antes não se tinha gerado.»

N'este estado de perfeita desorientação, como propriamente se lhe deve chamar, n'esta ausencia de todo o espirito democratico tem persistido o sr. Guerra Junqueiro, e da mesma desorientação e da mesma falta de espirito democratico dão provas quasi todos os chamados intellectuaes do partido republicano. O sr. José Caldas escreveu que não vale a pena instruir o povo. O sr. Brito Camacho zomba dos immortaes principios, ri do pacifismo, apregoa que se não deve ensinar ás multidões os absurdos da religião. O sr. João Chagas, fertil em incoherencias e paradoxos, fulmina a idolatria quando exercida com o rei, mas exalta-a quando exercida com os magnates republicanos. O sr. Eduardo d'Abreu e muitos outros encaram o exercicio do voto com o mais profundo desdem. O sr. Bazilio Telles, ao que parece das poucas linhas que no domingo passado se leram n'este periodico, achia preferíveis as *boas dictaduras* ao regimen parlamentar, como o sr. Guerra Junqueiro acha que não vale a pena quebrar lanças pela republica quando appareça um bom dictator coroado.

«A corôa do rei, de paes a filhos transmissivel, como a corôa de Venus; o trono hereditario como as escrofulas—absurdo evidente. Mas se de absurdos anda cheio o mundo! Salta-se menos da *magestade á ex.* que da *ex. á tu*. Impero eu mais no meu creado que o rei em mim. Ha em cada burguez uma monarchia. Milhões de burguezes, milhões de absurdos. E eliminam-se acaso n'uma hora?»

Argumentação e doutrina que se ouve a cada passo aos monarchicos. O espirito monarchico é tão profundo em Portugal, ainda que não se dê por isso, que domina os proprios republicanos. E os republicanos mais illustres!

Ora se os mais illustres republicanos estão n'esse estado, que esperar dos menos illustres?

A mais ligeira observação dos factos, que se passam a toda a hora á nossa vista, nos demonstra a mais completa ausencia d'educação publica.

Todo o mundo reclama liberdade e raro é aquelle que não é um tyranno para os outros. Todo o mundo protesta contra o abuso da força exercido pelo poder e todo o mundo commette o mesmo abuso nos actos mais infimos da vida quotidiana. Todo o mundo exige para si consideração e ninguem a tem pelos outros.

Isto vê-se a toda a hora. Isto vê-se em tudo. Entra a gente n'um carro electrico em Lisboa e se tem logo occasião de reconhecer que a educação do guarda freio ou do conductor deixa muito a desejar tem tambem occasião de reconhecer immediatamente que a educação dos passageiros orça pela educação dos empregados. O passageiro não faz justas observações ao empregado, e no tom com que se trata um homem livre. Reprehende-o, descompõe-o, insulta-o, ou fala lhe no tom aspero, desabrido, duro, que equivale a uma reprehensão, ou que representa para o empregado uma humilhação. O passageiro aproveita a occasião d'ir sentado para fazer de fidalgo, de morgado, de senhor, junto do conductor, que vae em pé. Pelo facto de ir sentado, e de pagar trinta reis ou meio tostão, é amo. E o conductor, pelo facto d'ir em pé e de receber a esportula, é creado. Porque, não nos illudâmos, e muitas vezes temos feito, como tantas outras, essa observação no *Povo de Aveiro*: a suprema aspiração do portuguez é ser morgado. O portuguez não tende para democrata. O portuguez não aprecia a democracia. Dentro de cada portuguez ha um inquisidor e um morgado. O portuguez não quer que o opprimam. Mas quer opprimir. Não quer que o mandem. Mas quer mandar. Não quer viver do proprio trabalho. Quer viver do trabalho dos outros. E se não pôde ser fidalgo prefere então, em ultimo caso, ser lacaio. Porque sendo lacaio ainda indirectamente tem qualquer coisa de fidalgo.

O que a gente vê com os empregados dos carros electricos vé o com a policia. A policia é brutal, não ha duvida nenhuma. Ou ella não fosse portugueza! Mas se não fosse sempre brutal teria algumas vezes de o ser, porque d'outra forma não seria obedecida. Sempre a mesma coisa: o portuguez, como morgado, não é mandado, manda. Não obedece, é obedecido. Comprehendia-se, e não só se comprehendia como era necessario e justo,—que o cidadão se revoltasse contra os abusos e iniquidades da policia, por simples odio á iniquidade e ao abuso. Mas não. Revolta-se contra a policia porque a policia manda, e quem quer mandar é elle. E' assim d'alto abaixo, desde o mais cotado e mais illustre até ao mais infimo e humilde portuguez. Que se vá embora o rei, não para que não torne a haver rei em Portugal, mas para que seja rei o Bernardino. Substitua-se pela republica á monarchia, não para que impere o regimen da democracia, mas para que os republicanos vão occupar os logares dos monarchicos.

Um policia não faz uma prisão, não pratica o acto mais insignificante sem ser logo inquirido, discutido, criticado pelo cidadão. Quer prender? Quer exercer, de qualquer forma, o seu mister? Faça-o humildemente, de chapéo na mão, rastejando. Só o cidadão tem o direito de andar de chapéo na cabeça, de mandar, de proceder discricionariamente.

N'outro dia um cidadão batia no pae, nos arredores de Lisboa. Acudiu um policia, que prendeu o honrado cidadão, criminoso já celebre, com cadastro extenso e vergonhoso. Logo os populares, sem duvida dos que cantaram o hymno da sementeira em 28 de julho, dos que beijaram a mão ao rei calcinhas, se apressaram, em defeza do honrado cidadão, a malhar nos lombos do policia. Como de costume! Porque, de novo o dizemos, não é o odio da iniquidade que provoca essas revoltas violentas. Faça a policia o que fizer, pratique o que praticar, ainda os actos mais justos, que, por via de regra, é combatida, é atacada, é maltratada. Algumas vezes com muita razão. Mas outras vezes sem razão nenhuma.

A maior anarchia moral a par da mais espantosa anarchia intellectual. Só é ladrão e só é patife o que fór nosso adversario.

Não ha nenhum respeito pela verdade, pelo direito, pela justiça. Não ha democracia em Portugal.

## SAUDE PUBLICA

A nossa linda e aprasivel cidade está sendo um formidavel necroterio de tuberculosos. Torna-se, por isso, necessario chamar a attention das auctoridades competentes para o gravissimo assumpto de hygiene publica, que tem sido tão descuidado ultimamente.

A tuberculose alastra por ahi com toda a pujança, e as tristes victimas, d'essa terrivel doença passeiam umas as ruas da cidade, em doloroso e compungente descalaibro phisico, e outras agonizam já em casebres immundos, que até hoje ninguem se lembrou de beneficiar ou mesmo de destruir, como medida indispensavel reclamada pela hygiene publica.

Sem querermos ir mais longe, em plena cidade, na rua do Espirito Santo existem uns casebres, que em qualquer outra cidade teriam ha muito sido condemnados como habitaveis. Em dois d'esses casebres vivem ainda duas desventuradas creanças em adeantado periodo tuberculoso, uma das quaes falleceu já na semana passada. N'um d'elles tambem falleceu ha tempo, tuberculoso. o pae, e parece que outras irmãs da desditosa tambem se acham affectadas da mesma enfermidade.

Não nos consta que estes predios hajam sido beneficiados ou recebido quaesquer visitas dos respectivos delegados de saude. E, todavia, n'um d'elles em que entrámos ha dias vê-se bem que está alli um perigo—um foco de insalubridade. E, em meio d'esse foco, vive uma infeliz creança, cremos que no ultimo grão de tuberculose.

Oh, sr. governador civil, tenha misericordia de nós, ordenando aos srs. delegados de saude mais assiduidade nas suas attribuições como regulantes da hygiene publica local.

## O DESCANÇO SEMANAL

A Associação Commercial de Aveiro, reuniu pela segunda vez, e acaba de enviar ao sr. governador civil a representação que foi approvada por unanimidade:

Ill.º e Ex.º Sr. Governador Civil d'Aveiro.—A assembleia geral da Associação Commercial d'Aveiro, em sua magna reunião de 19 do corrente, expressamente convocada para apreciar a lei do descanso dominical, foi de opinião unanime que a lei deve ser fielmente executada, mas sem as excepções no n.º 1 do art. 4.º. Estas excepções difficultam a sua boa execução e tiram á lei o que ella tem de mais justo e sympathico—o descanso ao domingo—ao passo que a tornam desigual e ruinosa para commerciantes d'uma mesma área, ou região, embora de concelhos ou localidades diferentes, mas cujos interesses são communs.

Admittida a facultade que os povos tem de escolher dia que melhor convenha ao descanso semanal, sabido é já, pela pratica commercial que a maioria d'elles escolhe o domingo de preferencia a qualquer outro dia da semana. E assim temos que a lei do descanso deixa de satisfazer um dos fins principaes que teve em vista, como muito bem se expõe no relatório que a precede. A egualdade e a equidade na applicação das leis é a base principal da sua boa execução. Essa egualdade e equidade desaparecerão abertas que sejam as excepções para qualquer terra do nosso districto, e muito principalmente para as de maior importancia commercial mais perto de nós. Assim veriamos que, se Aveiro respeitar o descanso dominical e os concelhos vizinhos a preterirem, o commercio, que em maior escala se faz ao domingo, derripará necessariamente para os mercados onde o commercio funcione n'este dia, por que os povos, na sua natural tendencia de aproveitar o domingo, para não prejudicar os serviços da lavoura, não terão duvida em ir procurar nos mercados, ainda que de longe, o que lhes falta ao pé da porta. D'ahi prejuizo manifesto para aquellos que respeitarem o domingo como o dia consagrado ao descanso.

Ex.º Sr.—O Commercio d'Aveiro, confiado na provada competência de V. Ex.ª e da sua habil intervenção no assumpto, espera que V. Ex.ª empregará os meios que as circunstancias lhes aconselhem para que a lei, pelo que respeita a este districto seja geral e uniforme. Deverá ella ser assim em todo o paiz, mas ao menos de V. Ex.ª, na esphera d'acção que lhe compete, remedio ao que aos signatarios se afigura ser um mal, que o tempo e a pratica aconselliará a remediar.

E, que não somos só nós que assim pensamos dizem-nol-o os jornaes, que nos dão a noticia de que a Associação Commercial de Coimbra acaba de fazer identico ou semelhante pedido.

Por isso, os signatarios, legitimos representantes da grande reunião da assembleia geral, tem toda a esperança nos bons officios de V. Ex.ª e plenamente confiam em que saberá harmonisar os interesses e conveniencias dos seus administrados; e assim esperam fará executar a lei do descanso dominical, no seu districto,

**d'uma forma unica, geral e uniforme.**

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>

Aveiro, 20 de agosto de 1907.

A MEZA D'ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—Jeronymo Baptista Coelho.

Secretario—Francisco Antonio de Meyrelles.

Os caixeiros e marçãos de Aveiro, enviaram ao sr. presidente do conselho de ministros o seguinte telegramma:

Exm.<sup>o</sup> Presidente Ministros

LISBOA

**Os abaixo assignados, calxelos e marçãos do commercio de Aveiro, protestam perante V. Ex.<sup>a</sup> contra resolução d'alguns commerciantes gananciosos, que pretendem sophismar lei de descanso semanal, alterando resoluções já tomadas por grande maioria classe commercial, que deliberou descanso domingo, querendo agora prejudicar-nos com o n.<sup>o</sup> 1 do paragrapho 1.<sup>o</sup> do artigo 4.<sup>o</sup>.**

**Pedimos vallosa protecção de V. Ex.<sup>a</sup> a nosso favor.**

- João Vieira da Cunha
- Frederico Bernardes Trajano
- Luiz de Mattos da Cunha
- Manuel Martins de Bastos
- José Ferreira dos Santos
- Henriqueta Nunes da Costa
- José Rodrigues dos Santos
- Augusto da Costa e Silva
- Antonio Ferreira
- Laurinda Augusta da Costa
- Luiz dos Santos Vaz
- Manuel Baptista Torres
- Brando Vieira de Jesus
- José da Silva Vergas
- Manuel da Rocha Junior
- Albino Duarte Gil
- Laureano Ramires Fernandes
- Luiz Cypriano de Mello Guimarães
- Manuel Rodrigues Netto
- Ricardo Meiro
- Carlos da Rocha
- Augusto Durão
- Mario Leitão
- Joaquim Gonçalves Guerra
- Domingos Martins Villaga
- Rufino Regalla
- Antonio José Marques
- Antonio Justino Ferreira da Rocha
- Francisco Dias de Moura
- Maria Gloria R. Santos
- Antonio d'Oliveira Carvalho
- Mannel Couceiro
- Augusto Couceiro
- Joaquim Fernandes Martins
- Ernesto Ferreira
- Henrique dos Santos Ratto.

**Congresso Socialista**

Realisou-se na penultima semana em Nancy o congresso annual dos socialistas francezes.

Que descomposturas! Que descomposturas! D'escacha com uma acha. Em Jaurés, em Hervé, no grupo parlamentar, nos syndicatos, na Humanité, no diabo a quatro.

Nem por isso o congresso deixou de ser publico. Nem por isso deixou de se transmittir aos jornaes tudo quanto lá se passou. Nem por isso o partido socialista francez deixa de ser um grande partido e de continuar tão forte e vigoroso como estava.

Só o partido republicano portuguez se sentiria, deante d'aquillo, horrorisado!

O que faz ter miolo ou não o ter!

**NOVA PAROCHIA**

Os habitantes da Gafanha, da Senhora de Nazareth, preparam-se com entusiasmo para desmembrarem da freguezia d'Ilhavo, toda a zona arenosa que vaee desde o norte limitada pela ria, até ao limite da freguezia de Vagos, formando uma freguezia, sob a invocação de Nossa Senhora de Nazareth.

Foi já nomeada uma comissão dos principaes habitantes da referida zona, com o fim de angariarem donativos para construírem o templo destinado a matriz, o qual, ao que nos diz um nosso amigo da Gafanha, deve ser erigido ao sul e perto da estrada da Gafanha á Barra.

Oxalá que consigam alguma coisa. A Gafanha é um pobre burgo enfeudado ha muitos annos aos donos da igreja d'Ilhavo, que arranca d'alli talvez a maior maquia de toda a parochia ilhavense.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicyclete.—A OSMOND.

**AOS NOSSOS ASSIGNANTES**

O assignante n.<sup>o</sup> 269 é o sr. dr. Antonio Gomes, morador na rua das Flores—Pharmacia Gomes, Porto. Mandámos-lhe o recibo por mais do que uma vez. Veio sempre devolvido com a nota: «procurado e não encontrado». Escrevemos-lhe pedindo o favor de liquidar o seu debito. Não respondeu. Não respondia, não devolvia o jornal, não pagava. Ora se devolver o jornal sem pagar é illegitimo, muito mais o é nem devolver o jornal, nem pagar. Nestes casos, recorreremos ao expediente de juntar o numero d'esse assignante aos numeros d'outros que estavam em atrazo pedindo d'aqui a todos esses cavalheiros muito delicadamente, sem melindre, pois ninguem sabia a quem nos referiamos, o favor de liquidarem os seus debitos, já que os correios declaravam não os encontrar. Quasi todos responderam, ou pagaram, o que agradecemos. Foi o sr. dr. Antonio Gomes dos poucos que tem resistido a successivas chamadas. E esta semana devolveu-nos o jornal, SEM PAGAR O QUE DEVEA.

«Pelo dedo se conhece o gigante». Ha factos que definem mais do que todas as palavras. Este é um d'elles.

Aos assignantes n.<sup>os</sup> 698, 500, 487, 43, 242, 236, 386 e 834 continuamos a pedir o favor, —embora nos pareça que já era tempo de nos pouparem a repetição do pedido—de mandarem sem demora pagar as suas assignaturas.

**GARRAIADA**

Promovida pela comissão das festas aos excursionistas de Coimbra, vamos ter no proximo domingo, 1 de setembro, na praça de toiros do Rocio, um divertimento de garraios, em que tomarão parte na lide quasi toda a rapaziada que ha dois annos, na praça do Pharol, muito nos fez rir, pelo seu arrojio.

Cada pessoa que concorrer com 15000 reis cabe-lhe 10 bilhetes. Uma insignificancia.

**Cartas de Lisboa**

23 DE AGOSTO.

Em que se fundavam os republicanos para dar como certa a adhesão á republica do sr. Dias Ferreira? Eu não sei. Não se fundavam em coisa nenhuma. Como de costume. Como em tudo e por tudo. Alguem se lembrou de espalhar o boato de que o sr. Dias Ferreira ia fazer declarações republicanas. E não foi preciso mais nada para que todo o mundo o acreditasse piamente.

Porque não se imagina o grau de certeza que o facto adquiriu em poucos dias. Era uma coisa certa. Indiscutível. Pô-la em duvida era affrontar os republicanos, que se exasperavam com isso enormemente. Pois o que queria dizer o convite dos srs. Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga e Magalhães Lima? Pois não se via que era uma combinação? Não resultava isso bem á vista?

Convencidos d'isto, fortemente convencidos, acudiram em massa ao Largo da Graça, na segunda-feira, os republicanos

de Lisboa. E convencidos d'isso, muito convencidos, aclamaram o sr. Dias Ferreira, quando elle entrou na sala, como se fora o mais prestigioso e querido dos chefes do partido.

Calcule-se a decepção, no fim. A cara dos homes. O fiasco. Não sómente o sr. Dias Ferreira se absteve cuidadosamente da menor affirmção que de perto ou de longe o compromettesse em sentido republicano, como foi, aliás segundo o seu costume, menos violento com os atropellos do poder do que o costumam ser outros monarchicos.

Ora estes republicanos não hão de ter juizo? Não se hão de convencer de que era tempo de pôr cobro ás ingenuidades e ás bacoquices?

E' demais! Vamos lá que accitassem sem grandes reservas o boato da adhesão do sr. Dias Ferreira. Mas vêr e crer. Esperavam com calma até ao fim. Guardavam para o fim as suas expansões, os seus enthusiasmos, os seus delirios, se o sr. Dias Ferreira correspondesse á espectraliva. Mas antes d'isso era tolice. Demais a mais depois do artigo do *Seculo*, já tão significativo.

Patetas, eternos patetas. E assim continuam a ser alvo da risota publica. E assim continuam a perder todo o prestigio.

Eu nunca acreditei na tal conversão do sr. Dias Ferreira. Podia ser. Mas eu tinha grandes duvidas. E, por isso, não bati palmas antes do tempo.

Esta reserva é precisa. Cada vez mais. Vejam os republicanos se vão apprendendo com as lições.

E por aqui me fico, que não tenho hoje tempo para mais.

**OPINIÕES**

**A EMANCIPAÇÃO DA MULHER**

Para demonstrar a inferioridade mental da mulher escudam-se pretensos sábios em variados e avariados argumentos.

Uns, pretendem que a mulher é mentalmente inferior ao homem porque é menor o peso do seu cerebro. Outros, que na mulher é menor o numero das circumvoluções cerebraes. Outros ainda, que o cerebro da mulher é mais pequeno e por isso menor a sua intelligencia. Cada um diz a sua coisa, e todos os seus argumentos, bem somados, não valem afinal dois patácos.

Não pretendo demonstrar que pela capacidade craneana se póde, ou não, avaliar do desenvolvimento intellectual. Seria trabalho inutil porque não poderia fazer mais do que reproduzir o que os cientistas modernos sobre o assumpto têm dito. Mas, segundo elles, em vista dos ultimos trabalhos da parte da anthropologia que d'este assumpto se occupa, os argumentos acima referidos não nos permitem concluir da intelligencia do individuo. E como são esses argumentos os únicos que os partidários da decantada inferioridade mental da mulher nos dão a corroborar as suas affirmções, essas affirmções não têm para nós valor nenhum.

Mas ha ainda quem sustente que a inferioridade mental da mulher resulta d'ella exercer a função da maternidade. Ora parece estar demonstrado que é entre os trinta e cinco e os quarenta annos que a mulher como o homem estão no auge do seu poder intellectual, e portanto quando aquella já tem exercido as funções da maternidade.

Alem d'isso, como muito bem diz Novicow, (*L'affranchissement de la Femme*, pag. 61) é exactamente n'esta idade, quando termina a sua florescencia physica, que a mulher exerce a maior influencia social, primeiro como trabalhadora em todos os géneros da actividade humana, depois como educadora de seus filhos.

Entre o numero dos que affirmam —sem o demonstrar—que o poder intellectual da mulher decresce depois que esta exerce as funções da maternidade, está um escriptor allemão, P. J. Moebius, a quem Novicow responde com uma logica admiravel que o nosso raciocinio não póde deixar de aceitar:

«Como ultimo argumento, M. Moebius diz que a mulher perde as suas facultades intellectuaes logo que tem encontrado o objecto do seu amor. Mas não poderá afirmar que a partir d'este momento o numero das células nervosas diminui no seu cerebro. Porque se affirmasse isto, deveria reconhecer tambem que se a mulher perde este objecto (seja porque deixou de ser amada ou porque esse objecto morre) o numero das células nervosas deve augmentar, o que é absurdo. Assim portanto, depois de ter encontrado o eleito do seu coração, o cerebro da mulher fica, sob o ponto de vista physiologico, exactamente como era até aqui. A unica diferença é que, em virtude de novas circumstancias, estas células vão funcionar de uma maneira diferente. E' impossivel encontrar um argumento mais favoravel á these que eu proprio sustento; demonstrar que as facultades virtuaes da mulher não são inferiores ás do homem, mas que estas facultades estão sómente adormecidas pelas condições sociaes.»

Os obstinados que a todo o transe pretendem que a mulher é inferior, poderão ainda perguntar-nos:

«Mas que influencia tem a mulher exercido na civilisação? Qual tem sido o seu papel na evolução humana? Não tem ella feito, em relação ao homem, immensamente pouco? Não é isto bastante a demonstrar a sua inferioridade?»

E' intuitiva e facil a resposta. O desenvolvimento do individuo depende de duas circumstancias: as condições psichicas e physiologicas que constituem a sua capacidade individual e as condições sociaes que auxiliam o desenvolvimento d'esta capacidade. Desde que falte um d'estes dois factores que são condições essenciaes ao desenvolvimento integral das suas energias, é claro que o individuo não produz, sem que por isso possamos dizer que o seu poder intellectual é menor. Não. O cerebro é o mesmo, mas faltou-lhe o ambiente vivificador. Idêntico facto se passa com o nosso corpo: para que vivamos é necessario que tenhamos o organismo normalmente conformado e não nos falem as condições externas, como o ar, o alimento, etc., condições de que depende afinal a nossa vida.

Dou a palavra a Novicow, livro citado, pag. 50:

«A mulher não teve um Descartes, um Aristoteles, um Newton. E' certo. Mas isso está fóra da discussão n'este momento. Trata-se apenas aqui de saber se é em virtude da sua constituição physiologica e psichica que a mulher não tem produzido e não poderá jámais produzir iguaes génios. Não temos o direito de o afirmar, precisamente porque não conhecemos ainda os factores que fazem brotar a intelligencia. Mas, desde o momento que nos é impossivel demonstrar que a mulher nunca se elevará á altura intellectual do homem, o edificio inteiro da sua escravidão caí por terra como um baralho de cartas. Sem duvida alguma nunca o boi terá tanta intelligencia como o homem. Por isso é natural que o boi seja submetido ao homem. Mas não se póde afirmar que a intelligencia da mulher não egualará um dia a do sexo forte, visto como já hoje a intelligencia de certas mulheres é maior do que a de certos homes. Sendo assim, a desigualdade dos sexos não é fundada sobre nenhuma base scientifica e positiva. Provém de antigos erros, idéas preconcebidas e velhas rotinas.»

Continuo ainda aproveitando os argumentos das auctoridades scientificas.

No livro citado, o auctor transcreve e comenta estes dois periodos de G. Tarde:

«Todos os descobridores de verdades, todos os inventores uteis da antiguidade foram homens livres; os escravos nunca inventaram nada.»

«Os cidadãos livres deviam a sua superioridade inventiva á vantagem da sua situação, e de forma nenhuma á sua superioridade de raça.»

E' claro. E se acaso até hoje não tivesse havido mulheres duma intelligencia superior, mesmo d'uma capacidade rara, bastaria este simples raciocinio para vencer a obstinação do mais teimoso dos conservadores. O que o eminente sociologo diz dos escravos, podemos perfeitamente dizê-lo das mulheres. Vivendo sempre, desde a mais remota antiguidade, numa atmosfera asfixiante em que eram rigorosamente vigiados os seus mais insignificantes movimentos, sufocadas todas as suas aspirações e não satisfeitos os seus desejos, sobrecarregadas de deveres e sem sombra de direitos, como podia a mulher, com o espirito atrofiado, tolhida a iniciativa pela pressão da auctoridade a mais arbitraria, tratada sempre como coisa, objecto de luxo e prazer de que se faz uso e depois se abandona, como podia a desgraçada escrava que o homem se comprazem em fazer sua victima, fornecer ao progresso da humanidade tantos elementos como este?

E' positivamente absurdo. Se os dois sexos tivessem vivido em egualdade de circumstancias, se os direitos da mulher fossem os direitos do homem, se ambos gozassem de idêntica felicidade, podia admitir-se o confronto entre a maneira como um e outro têm favorecido a civilisação. Mas, conhecidas estas circumstancias, não só é maldoso argumento mas obstinada estupidez.

Quando, em certa altura, quizeram conservar o dominio do homem e manter a mulher no estado em que a selvageria primitiva a havia colocado, quando a todo o transe desejaram que esta continuasse a ser propriedade sua, ente sem vontade propria, com deveres mas sem direitos, inventaram então, á falta doutra coisa, a cantiga da inferioridade mental. As gerações seguintes durante muito tempo laboraram em tão grosseiro erro. Mas hoje que os progressos da sciencia se fazem mais rapidos, os modernos sábios nos têm demonstrado, com argumentos irrefutaveis, que a inferioridade mental da mulher se não baseia de forma alguma em principios d'ordem scientifica e não passa duma parlapiçete de misticadores envernizados.

Demonstrado isto, e ainda que possivel não fosse demonstrar—o que tentaremos no proximo numero que tudo quanto alguns pretenciosos machos nos gritam da inferioridade physica da mulher é tambem uma pérfida mentira, estava desfeito o castello de tradições, preconceitos e ignorancia que o egoismo do homem levantou, e que tem sustentado a vergonhosa e aviltante sujeição de metade do género humano á outra metade.

A escravidão da mulher não tinha mais razão de ser.

Voltaremos ao assumpto.

HOMEM CRISTO, Filho.

**AO PUBLICO**

SUCCURSAL DA PADARIA

DOS

ARCOS NA COSTA NOVA

MANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proxima Motta) onde o publico durante a epocha balnear encontrará a qualquer hora do dia PAO DE FINA QUALIDADE e generos de mercearia, taes como: biscoitos, chá, café, arroz, massas, vinhos, cerveja, e outras bebidas; tudo a preços módicos.

Recomendamos, pois, este estabelecimento, não só pela modicidade de preços, como tambem pelo esmero e accção de todos os generos.

IMPRESSÕES  
DO  
**EXTRANGEIRO**  
E IMPRESSÕES  
DE  
**PORTUGAL**  
XXVIII

Vae grande indignação na imprensa porque um tal Civinini, redactor do jornal de Milão *Corriere della Sera*, e que n'essa qualidade veio a Lisboa tirar-se de duvidas sobre a situação creada pela dictadura, mandou dizer para a sua gazeta, entre muitas outras coisas, que as mulheres bonitas são muito poucas em Portugal, e que viu uma grande quantidade d'ellas barbadas.

Ora vejam em que deu a exaltação do Civinini! Quando elle chegou, era o distincto escriptor, o illustre escriptor, o grande jornalista, o famoso jornalista, o gentil italiano, o italiano gentil, e toda a mais adjectivação do costume. Ninguém conhecia o Civinini. Ninguém tinha ouvido, jámais, falar na creatura. Mas bastava ser estrangeiro! Toda esta pelintrieira indigena se lhe rojou aos pés no servilismo nojento do costume. Depois, como amor com amor se paga, costumados a este ignobil elogio mutuo que já fez do heros das medalhas uma *figura homérica*, mais alta que Victor Hugo, esperava-se que Civinini correspondesse chamando grandes jornalistas, grandes escriptores, grandes *bernardinos*, a todos os que o accumularam a elle de nobres adjectivos. Imagine-se a decepção e o despeito quando se viu que Civinini não só não correspondia aos galanteios como troçava ainda por cima dos galanteadores. Foi o diabo, não levar os nomes dos *bernardinos* por esse mundo fóra, fronteiras alem, com hymnos de gloria, em mais um canudo, e canudo italiano, de grande publicidade. Aos canudos hespanhoes já elles chegavam. Canudo italiano era conquista para ser altamente apreciada! Foi pena, na verdade!

Ora Civinini teve razão em achar feias a maioria das mulheres de Portugal. E lá que ha por aqui uma grande porção d'ellas barbadas, isso ha.

São feias, sim senhor, na maioria, as mulheres de Portugal. Mas também são feias na maioria as mulheres de Hespanha, da Italia, da França e da Suissa. Em nenhum d'esses paizes eu vi mulheres bonitas em maioria, e julgo que as não ha em paiz nenhum do mundo. Não ha, não. O diamante é caro e apreciado porque é raro. Se as mulheres bonitas abundassem não apreciavamos nós tanto as que apparecem.

Mas quem tem a culpa d'essa falsa idéa de que tudo quanto ha no estrangeiro é superior ao que ha em Portugal é ainda o jornalista, que tão indignado se mostra agora com as apreciações do Civinini. O jornalista e o indigena em geral. Este paspalhão, sempre prompto a imitar, a copiar, a fazer córo, incapaz de julgar por si seriamente. Eu nunca encontrei indigena que me não pintasse Milão, Paris, Genebra, Lucerne, Florença, Napoles, Veneza, como as ultimas maravilhas do mundo. Com tal exaggero que—toda a gente terá sentido esta impressão—eu ficava convencido, ao ouvi-los, de que Lisboa, que me parecia tão bonita, era ao pé d'essas maravilhas uma coisa, senão roles, pelo menos de uma real mediocridade. Bastará dizer que eu andei leguas e leguas para ver Lucerne, só pela descrição que algem me tinha feito d'essa cidade. Era a primeira das coisas! Era a maravilha das maravilhas! E eu, que não queria morrer sem ver a maravilha das maravilhas, fui ver Lucerne!

A mesma impressão tinha de Milão, a terra do Civinini, ou, pelo menos, da gazeta onde escreveu o Civinini. O illustre, o distincto, o glorioso Civinini—o sr. de S. Boaventura, que chamou homérico ao

Bernardino, deverá ter-lhe chamado ciceronico—o illustre, o distincto, o glorioso Civinini, que achou tão feias as mulheres de Portugal. Pois, senhores, eu só vi uma mulher bonita em Milão. Digam que é represalia de patriota, se quiserem. Mas enganam-se. Sempre o tenho dicto, em conversa, a toda a gente. Digo-o ha um anno.

Uma só mulher que, com verdade, se podesse chamar formosa. Não quero dizer que não haja bastantes em Milão. Mas não ha tantas que eu visse mais que uma. Não vi as outras, é claro. Mas se lá houvesse muitas é claro também que eu não seria tão infeliz que tivesse a infelicidade de ver só uma.

Vi umas quatro ou cinco italianas, formosissimas, em Vichy. Formosissimas. De que terra eram, não sei. Não lhes li a certidão de idade. Mas em Milão vi uma só.

Feias muitas, muitas, muitissimas. Principalmente entre as mulheres do povo. Feias e porcas. Nem feias nem bonitas, algumas. Bonita, o que se chama bonita, só uma. Essa era *d'escacha com uma achu*. Ficava um homem atordoado a olhar para ella. Mas só uma!

Fui de Lausanne para Milão, atravessando o Simplon. E de Milão regresssei a Zurich, atravessando o Saint Gothard. Quando chegava a Milão, um carregador deitava os dedos ao nariz, n'essa illustre terra do illustre Civinini, e fazendo d'elles lenço d'assuar, arancava cá para fóra um famoso perdigoto. A minha carruagem ia cheia de suissos e allemães que presenciaram, como eu, o espectáculo. Não se calculam as gargalhadas que, no meio de grande assuada, os homens deram. Eu fiquei consolado, dizendo de mim para mim: *Louvado seja Deus, que já estou na minha terra!*

Ao sahir do comboio, dei a mala a um factor, a um moço, emfim: a um d'aquelles homens da estação. Seria o mesmo que se assoo a os dedos? Parecia-o! Todos elles eram parecidos! Nunca vi nenhum mais sujo em Portugal. D'ahi a pouco, como se accumulasse gente ao pé da casa onde se recebiam senhas de deposito de bagagens, e todos quizessem chegar primeiro ao balcão, o moço travou-se de razões azedas com um passageiro italiano engravatado. As mesmas palavras, os mesmos modos, a mesma má criação que em Portugal. A mesmíssima coisa.

Fui-me hospedar no *Hotel du Nord*, que fica a dois passos da gare central, onde eu tinha apeado. Era de manhã. Entrei no restaurante para almoçar. O creado que se avisinhou de mim disse-me em francez qualquer coisa que eu não percebi. Não entendo, respondi. O homem emproou-se. De bella casa, de camisa muito engommada, toda lustrosa, convencido de que falava bem o francez e ouzar um gebo como eu, sem apparencia, dizer-lhe que o não entendia, era caso. E muito desdenhos observou: «Pois olhe, eu faço-me perceber perfeitamente. E não só em francez como em outra qualquer lingua.»

Cada vez me convencia mais de que estava, afinal, na minha terra. Por cá, não os ha mais empertigados nem mais mal creados quando se julgam *algum* e em face... de gente humilde.

—Bravo, seu Bandarra, disse-lhe eu em portuguez, lavre lá dois tentos. Pois então se você fala qualquer lingua, fique já sabendo que não tornaremos a falar senão a minha. Porque nem essa, amigo, eu falo bem. Quanto mais as outras! Salta uma posta de linguado frito, que é o peixe da minha predilecção. E avie-se, ouviu? que tenho pressa.

O homem entupiu. —E então? Não teve remedio senão declarar por sua vez, já meio desconfiado de que eu não era tão gebo como á primeira vista lhe parecera, que não percebia patavina.

—Pois você não me disse, repliquei em francez, que falava todas as linguas? Eu falei-lhe na mi-

nha lingua. Se você as sabe todas, prefiro a minha, naturalmente.

—Ah, sim, mas eu queria-me referir ás linguas internacionaes.

—Quaes são?

—O francez, o inglez, o allemão e o italiano.

—O italiano! disse eu a rir. Quem o auctorizou a dar foros de internacional á lingua italiana? Peça perdão ao seu patriotismo, meu caro senhor, para apear o italiano d'esse elavado pedestal. O italiano fala-se na Italia e pouco mais. O portuguez, que é o meu idioma, fala-se na Europa, na Africa, na Asia, na America e na Oceania. Falam-no povos independentes de Portugal. Povos que não são portuguezes. E ainda ninguém se atreveu no meu paiz a considerar a lingua portugueza uma lingua internacional. Ora, vá buscar linguado frito, e fique-se em paz com a sua philologia.

Escusarei de dizer que Civinini—porque os parlapatões teem todos e em toda a parte o mesmo nome—ficou outro e que me serviu com toda a gentileza durante os dias em que permaneci no hotel. Colloquem-se os portuguezes no seu logar, colloquem os estrangeiros no seu logar, e todos os Civininis serão a mesma coisa.

Depois do almoço fui á exposição. Procurei ver e estudar muitas coisas. Entre ellas homens e mulheres. Muito homem, muita mulher. Mas muita mulher feia. Dos homens é costume não dizer nada, n'esse ponto. Muita mulher feia. Muita. Tal e qual como Civinini viu por cá. A diferença estará talvez em mais pelo ou menos pelo. Mas entre peludas e peladas antes quero as feias peludas do que as feias peladas. E' um gosto nacional. E por isso se diz por cá da mulher ideal do Civinini: *é uma gata pelada.*

Em Portugal ha muita gata peluda, isso ha. Um bocadinho menos de pelo não era nada mau. Mas na Italia ha muita gata pelada. Ora repito: gata por gata antes a peluda que a pelada.

Muita mulher feia, muita, n'aquelle dia de exposição. Muita mulher feia e muita mulher malcreada. Nas galerias destinadas ás machinas estavam bastantes a trabalhar. Só me impressionaram pela má criação com que criticavam todos os homens e todas as mulheres que passavam.

N'esse dia á noite corri todos os locaes de maior concorrência. Entrei nos restaurantes e cafés, alguns excellentes, da galeria envidraçada Victor Manuel, coalhos de gente a essa hora.

No dia immediato procurei, de manhasinha, o mercado. Onde seria? Vamos lá á *Plazza del Duomo*, disse, que ahi saberei orientar-me. A *Plazza del Duomo* é o grande centro de Milão. Não precisei de perguntar nada a ninguém. Assim que sahi do electrico vi gente com fructas e hortaliças a vir do lado oriental. Tomei esta direcção. E pouco depois dava com o mercado em plena rua, como em Zurich: as hortaliças, as fructas, os legumes, estendendo-se ao longo dos passeios, *Via Verziere* e *Corso di Porta Vittoria*.

Abençoadas fructas, que, sem ellas, viria de lá horrórizado. Mulheres negras, angulosas, mal trajadas. E sempre malcreadas. Homens colericos, irritando-se por tudo, descompondo-se, no typo do factor da estação central. Metti-me n'um trem para ir ver o museu Poldi-Pezzoli. O trem esbarrou com uma carroça. Cocheiro e carroceiro descompozeram-se desbragadamente. Ameaçaram-se mutuamente com os chicotes. Um pouco peor, talvez, do que na minha terra. Eu, patriota, exultava. Portugal ia, emfim, subindo aos meus olhos.

Na gare central, quando tomava, mais tarde, o comboio para Zurich, vi a mesma dureza, a mesma rudeza, a mesma má criação nos empregados. Que formidavel sucia!

E' verdade que foi ahi, na gare central, ao esperar o comboio que havia de me reconduzir á Suissa, que

encontrei uma mulher de formosura deslumbrante. E' o que ha lá fóra e o que não ha em Portugal. Em Portugal é rarissimo encontrar uma d'essas formosuras que deixam um homem deslumbrado. Mas as mulheres portuguezas são geralmente mais sympathicas, exceptuando o typo particular da parisiense, do que as estrangeiras. Essas italianas e esses italianos muito mal creados, com um olhinho caracteristico de bandido que se não encontra em mais parte nenhuma, são em regra antipathicos.

Mas estas coisas é que ninguém vem dizer para Portugal. Uns, os que não escrevem nos jornaes, por charlatanice, por vaidade, por estupidéz, por ignorancia. Outros, os que escrevem nos jornaes, por charlatanice também, por aquelle espirito de subservencia indigna que nos faz deprimir tudo quanto é nacional e exaltar tudo quanto é estrangeiro, e, sobretudo, pela mania do estylo, vergonhosa e mesquinha preocupação de todos os homens de letras em Portugal.

Ora para fazer estylo lá está o *Duomo*, *Pinacoteca*, da Brera e da bibliotheca Ambrosiana, com os quadros de Tintereto, de Ticiano, de Lotto, de Mantegna, de Bellini, de Corregio, de Crivelli, de Leonardo de Vinci e Raphael; lá está o *Cimitero monumentale* e outras obras de valor. Sobre as quaes o nosso dentista literario borda tantos exaggeros e tanta asneira que o pobre publico fica imaginando que não ha em Milão, como, de resto, nas mais afamadas terras estrangeiras, senão encantos, senão delicias, senão fadas. De que resulta Civinini e quejandos suporem de sie dos extranhos mais e menos do que é justo.

Quando, afinal, os Civininis são de todas as raças e de todos os paizes. Cá e lá más fadas ha.

H. C.

**POVO DE AVEIRO**

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

**Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6.**

COIMBRA

**Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.**

**HORARIO DOS COMBOIOS**

DE LISBOA AO PORTO

	Omn. Tram.		Omn. Rap.		Cor.	
	M.	T.	M.	T.	M.	T.
Lisboa (Roc.)	8,35	—	1,50	5,30	9,3	—
Entronc.º	11,54	—	4,55	7,3	12,19	—
Coimbra ...	3,36	9,4	8,28	8,57	4,6	—
Pampilhosa ...	4,9	9,34	9,20	9,13	4,35	—
Mogofores ...	4,52	10,14	9,40	—	5,45	—
O. do Bairro ...	5,3	10,27	9,51	—	5,15	—
Aveiro ...	5,33	11,1	10,19	9,53	5,45	—
Estarreja ...	5,58	11,23	10,42	—	6,5	—
Ovar ...	6,18	11,54	11	—	6,24	—
Espinho ...	6,43	12,34	11,24	10,35	6,46	—
Gaya ...	7,19	1,23	11,58	10,57	7,29	—
Porto (S.Bt.º)	7,46	1,51	12,22	11,16	7,47	—

DO PORTO A LISBOA

	Omn. Rap.		Omn. Rap.		Cor.	
	M.	T.	M.	T.	M.	T.
Porto (S.Bt.º)	6,35	8,49	2,45	5	8,44	—
Gaya ...	7,6	9,11	3,19	5,21	9,19	—
Espinho ...	7,30	9,28	3,40	5,38	9,46	—
Ovar ...	7,52	—	3,59	—	10,13	—
Estarreja ...	8,13	—	4,16	—	10,33	—
Aveiro ...	8,36	10,8	4,37	6,16	10,55	—
O. do Bairro ...	9,6	—	5,4	—	11,25	—
Mogofores ...	9,17	—	5,15	—	11,37	—
Pampilhosa ...	9,35	10,45	5,31	6,51	11,57	—
Coimbra ...	10,19	11,1	6,1	7,15	12,31	—
Entrocan ...	1,47	12,55	8,52	9,9	3,24	—
Lisboa ...	5,7	2,40	11,58	10,50	6,25	—

Tramways.—Do Porto para Aveiro —Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde.

Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

LIVROS

**ANALYSANDO**

MARGUERITE BODIN  
E SUZANE STRIENE

«PROBLEMAS  
DA QUESTÃO SEXUAL  
NO PONTO DE VISTA  
MORAL

E SOCIOLOGICO»

Tradução de Constantino de Brito  
Edição da Pareceria Antonio Maria Pereira  
LISBOA

Auctorizado pelo «Congresso permanente de Humanidades, com sede em Paris, o escriptor portuguez, sr. Constantino de Brito, traduziu uma obra que, provando mais uma vez a alta capacidade intelectual feminina, merece ser lida por todas as mulheres portuguezas.

Humano serviço nos prestou o digno homem de letras. Felicito-o, tanto mais que sendo um general reformado levou o seu coração a despeitar o profissionalismo guerreiro, abraçando os trabalhos reivindicadores do «Congresso Permanente de Humanidades», do qual é membro do Conselho Supremo.

O livro divide-se em duas partes. A 1.ª é escripta por madame Bodin, que lhe deu o titulo: «A INJUSTIÇA DAS DUAS MORAES SEXUAES e o lemma: *Toujours plus haut vers le mieux, en aidant nos soeurs et nos freres de toutes nos forces.* A 2.ª parte é inspirada por madame Striene e intitula-se: «AS DUAS MORAES SEXUAES», tendo o distincto: *En tout droit, tout honneur.* Ao fim de cada parte vem publicada a opinião do jury que aprovou os bellos trabalhos das duas escriptoras francezas.

Qualquer d'elles merece reparos, embora as suas theorias se apresentem com uma somma de boas razões formidavel.

O proprio traductor nota as falhas que apparecem dominantes e tanta razão eu acho que elle tem, que me abstenho de as transcrever, enviando o leitor a consultar o livro onde colherá virgens todas as argumentações.

Ambas as auctoras primam em pedir ao Estado que decrete leis que cobram a prostituição e protejam a mulher quando solteira.

Mostram uma ignorancia profunda do que seja essa coisa a que se convençiou chamar: Estado. O que é o Estado? A propria palavra o está dizendo. E' tudo o que seja estatal; o que não se modifique. Está portanto fóra de todas as leis evolutivas naturaes. Nada pára; tudo se modifica. Portanto o Estado é uma função conservadora. O conservantismo é o residuo de archaicas theorias dispersas pelo voar dos tempos. Pretender guardar as fizes d'um organismo ido equivaie a propagar uma epidemia. As epidemias desaparecem levadas por revoluções higienistas.

Pedir a uma entidade, que só existe na superstição dos amantados á sua custa, que a um gesto dado a prostituição desapareça, quando a prostituição é uma das pedras basilares d'essa mesma superstição, acho ignorancia de maior e prodigalidade de creaturas ingenuas. A prostituição é necessaria ao Estado, porque é um dos bagos de arroz que lhe dá vida.

Se o Estado não recebesse gratificações prostituídas, podem as distinctas escriptoras estar certas que elle decretaria leis sobre leis a contestar a inutilidade d'essa fonte rica em produção.

A verdade é esta. O Estado não pôde attender a essa ninharia... A função do Estado é a de se livrar de todos os seus inimigos—eliminando hoje um, amanhã vendo-se livre d'outro. E' como um gato pulguelo: gasta o tempo a calar-se.

Os individuos que escoram o Estado, são os que dão vulto e insuflam vida a essa abstracção. Ide aos povos do campo a perguntar-lhes o que vem a ser o Estado? Elles abrirão muito os olhos a procurar responder e por mais que os estadistas lh'o expliquem, dirão: «Um significativo encolher d'hombrós:—«Tu-do isso é uma cantiga.» (Textual).

Ora, já veem as illustres senhoras que o pedir protecção a quem prostitue, pois a sua existencia depende da prostituição dos caracteres, é o mesmo que votar em A ou B que trépa por nós para chegar ao alvo das suas premeditadas ambições.

Esta é a minha maneira de encarar a função do Estado. Nem as auctoras nem o traductor concordarão, mas depois de ler todo o livro, com o cuidado que merece, tive de escrever tudo o que estava emperrado n'um ancoeo natural de explodir.

Para mim é o unico defeito que encontro no livro, áparte (como acima disse) as incoherencias e falhas de conhecimentos fisiologicos—mas esses foram tratados pelo illustre traductor com tal poder de argumentação que acho atrevido metter-me onde não sou chamado...

Livros como este deviam de ter uma edição barata, acessivel a todas as bolsas. Assim limitam-se a ser procurados pelos estudiosos e pelos individuos que os adquirem para lhes exhibir a lombada e... tenho dito.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

**FABRICA DOS SANTOS MARTYRES**

DE **CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras. Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
AVEIRO

**METHODO JOAO DE DEUS**

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.8.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado** 500
- A Cartilha Maternal e a Critica** 500
- Do mesmo auctor:
- Campos de Flores**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ETABELECIMENTO DE MERCEARIA**

E FERRAGENS

**ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAS PARA CONSTRUÇÕES

DE **Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saubas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na **Officina de alfaiate**

DO **ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officias inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição anotada, e o seu preço é de 120 réis. Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Specialidade em cartões de visita

POVO DE AVEIRO

TYPOGRAPHIA

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.*

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 390 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

**MACHINAS "PFAFF,"**

—E—

**BICYCLETES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua) uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e no publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offercem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.